

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Dorinda Martins dos Santos

registada em 2009-02-03
por

Joana Ribeiro e Hugo Pereira

Dorinda Martins dos Santos

Dorinda Martins dos Santos nasceu na Benfeita no dia 31 de Maio de 1936. Os pais trabalhavam na agricultura. Da sua infância recorda o jogo da macaca, do feijão, da corda e os jogos de roda. Mas não esquece que também tinha que ajudar a mãe. Andou na escola até à segunda classe “sabia tudo de cor e salteado”. Fez o exame da quarta classe em adulta. Nunca esteve sozinha com o marido enquanto namoravam e mesmo no dia do casamento, com 20 anos, “não lhe deixei pôr a mão por cima”. Do seu percurso profissional recorda que começou a andar fora aos 12 anos “a acartar materiais para as obras”. Mas foi na costura que trabalhou muito, “blusas, saias, muita coisa”. Após o 25 de Abril, em 18 de Dezembro de 1976, “fui a Arganil, lá à delegação escolar, tomar posse”. Trabalhou numa escola em Arganil e depois em Côja. Aos 62 anos foi para a pré-reforma, “mas já há dez anos que estou a tomar conta da minha vida e a fazer as minhas coisas”.

Índice

Identificação Dorinda Martins dos Santos.....	4
Ascendência "Trabalhavam na agricultura os dois".....	4
Casa "Bem bom naquela altura!".....	6
Infância "Era a mocidade melhor do que agora".....	6
Educação "A professora era rija, mas sabíamos mais".....	7
Religião A doutrina das senhoras Pombeiras.....	10
Namoro "Nunca estive sozinha com ele".....	10
Casamento "Comer com muita abundância e à moda de cá".....	11
Percurso profissional "Era de sol a sol".....	12
Quotidiano O dia-a-dia de uma antiga costureira.....	15
Costumes "Tempos bonitos que agora já não vêm...".....	16
Lugar "A minha terra de nascença".....	21
Avaliação "Ainda lhes acham piada".....	24

Identificação *Dorinda Martins dos Santos*

O meu nome é Dorinda Martins dos Santos. Nasci na Benfeita o dia 31 de Maio de 1936.

Ascendência "*Trabalhavam na agricultura os dois*"

Os meus pais também eram daqui. A minha mãe era da Deflores. O meu pai era da Benfeita. Como se conheceram, isso não sei, mas, então, era aqui tão próximo. À minha mãe, morreu-lhe a mãe tinha ela uns 7 ou 8 anos e depois morreu-lhe o pai aos 12 anos. Então, ela veio para a Benfeita ser criada com as avós. E, depois, aqui é que se conheceram, com certeza. Trabalhavam na agricultura os dois.

Vida de resineiro e vendedor de fruta

O meu pai ainda andou muito tempo em resineiro nos pinheiros. É que em primeiro andavam na resina. Sangravam os pinheiros e depois tinham os "painéis" a aparar a resina. Andavam eles com uma lata assim grande ao ombro a tirá-la. Apanhavam-na para aquelas latas e iam-na levar em cima, à estrada, para algum sítio onde pudesse ir o carro de bois puxar e carregar aqueles barris. Mas os resineiros, era tudo a pé! Galgavam estes montes todos. Oh, mas o que é que se ganhava? O empreiteiro, esse, é que poderia ganhar, que mandava a resina daqui para fora. Aquelles barris grandes de resina iam para as fábricas aí "pia baixo"¹, não sei para donde. Agora eles, coitados, ganhavam 20, 22 escudos. Oh! Mas 20 escudos dava mais que hoje dá 5 euros! Eu vinha para a loja do tio Péssimo, às vezes, com 100 escudos. Levava bacalhau, levava o que eu precisava e ainda levava muito troco. Agora é que a gente vai, não traz nada.

Depois, também foi para Lisboa. Andou muitos anos ainda em vendedor da rua. Foi de novo e lá se habituou. Andava a vender fruta e o que calhava. Tinha lá também tios e uns irmãos. Andavam na venda do leite e outro era polícia. E ele para lá foi e lá andou na rua a vender fruta e o que calhava naquele ano da fome, que foi em 1945, quando foi a Segunda Guerra. Foi quando nasceu uma irmã minha. E logo no ano a seguir nasceu a outra. Ele, coitadito, lá andava e

¹por aí abaixo

nunca tivéramos cá falta de nada. Todos os meses vinha um cabaz de Lisboa nas camionetas. Tínhamos cá sempre muito comerzinho.

Depois, arranjou um patrão e esteve no Porto. Tinha um lugar na praça do Bolhão. Do Porto, veio para Aveiro. Tinha lá um armazém de bananas e de fruta. E eu aos 15 anos, também fui para Aveiro. Estive lá dois anos e meio. De Aveiro, o meu pai veio para Coimbra. Tudo sempre por conta do mesmo patrão. Estive lá outros dois anos e meio. Em Coimbra, tinha só um armazém de bananas. A minha mãe é que vinha para a praça até ao meio-dia. Tinham também um lugar na praça, mas tudo por conta do patrão.

Andei daqui para fora cinco anos. A vida lá era muito diferente. Oh! Pois era. Ele nunca devia ter saído de lá para fora, mas pronto. Depois, vim, porque a perdição do meu pai era a Benfeita, as quintas.

"Para o regedor e o povo não desconfiarem"

A minha mãe trabalhava muito na fazenda. Tínhamos muito milho, muito azeite... Não nos faltava nada. Tínhamos ali uns olivais na Deflores, que ela era de lá. E naquele ano de 1945 disseram:

- "Ai, vêm aí os fiscais para ver quem é que tem muito milho em casa. Têm que vender para as pessoas que não têm nada."

Disseram que vinham os fiscais e que quem tivesse muito tinha que vender às pessoas que não tinham. O que é que ela fez? Eu era pequena e parece que ainda a estou a ver. A nossa casa tinha um vão grande e havia assim uma porta. Ela tinha uma arca. Então, enfiou a arca naquele vão das escadas e encheu-a de milho. Levou 10 alqueires de milho para o que desse e viesse e, depois, pôs duas pilhas de cavacas à frente, que eles já nem a arca viam. Depois, disse:

- "Então, venham cá que não há cá nada para vocês!"

Mas não chegaram a vir. Naquela altura, íamos para o regedor. Vinha aquela farinha amarela de fora e a gente ia lá. A minha mãe não precisava disso. Mas para o povo não desconfiar, também ia buscar aquela farinha que nos calhava. Era para o porco. A gente matava dois e três porcos por ano.

Naquele ano da fome - foi quando as minhas duas irmãs nasceram - havia cá a padaria. Ela, coitadita, levantava-se às duas horas da manhã, ia por o outro lado do quelho, aparava o avental e a tia Ressurreição lá lhe atirava um pãozito para baixo. Mas de manhã, ela fazia-me levantar para eu ir para a bicha do pão, que era para o regedor e o povo não desconfiarem que a gente tinha pão em casa. Lá ia buscar o bocado que pertencia. Era tudo racionado. Pois é, passou-se muito e eu ainda sou desse tempo.



Dorinda Martins dos Santos a fazer pão

Casa "*Bem bom naquela altura!*"

A casa onde eu nasci era lá para cima para o Oiteiro. Tinha a entradazita e uma salita pequena. Tinha ao lado esquerdo um quarto sem ter janelas. Era assim um quarto escuro. Só tinha a porta. Tinha, para o lado do becozito de baixo, outro quartito com uma janelita e tinha a cozininha. Era bem bom naquela altura! O meu pai andava para Lisboa. Era só eu e a minha mãe. Mas não tínhamos casa de banho. Isso ainda há poucos anos é que cá há. A gente tomava banho como devia ser. Lavávamo-nos numa bacia grande. E para aquecer a água era numa panela de ferro. Ainda tenho uma panela dessas de três pernas no alambique. Tenho ali uma lareira para secar as chouriças, tenho o alambique e tenho o forno. A gente punha ao lume e aquecia-se a água.

Infância "*Era a mocidade melhor do que agora*"

No meu tempo, era a mocidade melhor do que agora, que não sabem fazer nada. Jogávamos à macaca, ao feijão, à corda e tínhamos jogos de roda. Ao feijão, fazíamos uma cova na terra e depois atirávamos assim o feijão duns e doutros. Jogávamos aos três e aos quatro para caírem dentro da cova. Quanto mais lá houvesse, mais a gente ganhava. E, às vezes, chupávamos os feijões dos outros

todos e eles ficavam sem nada. Também cantávamos aos jogos da roda aquilo que a gente sabia. Era assim:

- "Ó senhor lá de baixo, empreste-me a sua corda!"

Dizia ele assim:

- "Estão queimadas!"

E dizia a gente de cima:

- "Quem é que as queimou?"

Fazia o outro:

- "Foi uma velha que aqui passou!"

Então, vamos a ver quem é que puxa mais. Aquele que mais puxasse é que ganhava. Se os outros viessem todos, pronto, éramos nós que ganhávamos!

Quando jogávamos ao senhor barqueiro, estavam um dali e outro daqui. E era para passar por baixo. Depois, andávamos uns atrás dos outros e dizíamos assim:

*Ó senhor barqueiro
deixai-me passar!
Tenho filhos pequeninos,
Não os posso sustentar.*

E eles os dois, que estavam com as mãos dadas, diziam assim:

- "Passará, passará, mas algum cá deixará! Se não for a mãe diante. É o filho lá de trás!"

E sacavam o último que fosse. Depois, a gente dizia ao que ficasse lá preso:

- "Queres banana ou ananás?"

Um, era banana, o outro, era ananás. Dizia o que queria e ia para trás dum ou para trás do outro, conforme o que lhes dissesse.

Não tinha brinquedos, mas fazia as bonecas de farrapos com umas pernas de moitas. Com uns farrapos fazia-se-lhe a cabeça e tinha uma moita enfiada dum lado e doutro. A cara, a gente fazia-lhas com um lápis. Então, não havia outra coisa.

Mas nessa altura já ajudava a minha mãe. Que remédio tinha eu. Então, nasceram as minhas irmãs quando eu tinha 9 e 10 anos. Eu criei-as talvez até aos 12. Aos 12 anos comecei a andar no dia fora.

Educação "A professora era rija, mas sabíamos mais"

Eu fui à escola. Andei na primeira e na segunda classe. Depois, tiraram-me da escola para criar as minhas irmãs. A escola era no Areal. É do meu tempo

uma escola para rapazes e uma escola para raparigas, que ainda me lembro. Mas já não aprendi nessa. Era rapazes e raparigas, tudo junto.

A professora era Lucília. Era de Cernache do Bonjardim. Era rija, mas sabíamos mais. Eu sabia mais do que sabem os meus netos. Ainda hoje, não me esqueceu da tabuada e de fazer umas contas, seja lá de dividir ou de multiplicar, de qualquer uma. Nunca me esqueceu isso. As professoras ensinavam bem, que eu aprendi bem. Até era das que sabia mais. A professora juntava o grupozito do primeiro ano e dizia-me assim:

- "Ó Dorinda, vai-lhe dar a tabuada!"

E eu lá ia para lhe dar a tabuada. Eu sabia tudo de cor e salteado.



Dorinda Martins dos Santos (de preto) em Aveiro aos 16 anos, com uma colega e uma prima (esq. p/ dta.)

Estava um rapaz ali das Finanças, que também é da minha idade. Eu faço em Maio e ele faz em Setembro. E, coitado, era um burro autêntico. A gente estávamos em volta da secretária a ler a lição e a responder às perguntas que a professora fazia e ele, coitado, nunca dizia nada. Um dia, diz-me ela assim:

- "Ó Dorinda, dá-lhe aí uma reguada!"

Ele levava porrada de todos e eu tinha tanto dó dele que bati-lhe devagar. Ela não era de castigar, mas, depois, levei eu outra e com mais força que nunca mais me esqueceu.

Na altura, tínhamos cadernos e tínhamos a pedra. Era as lousas. Ainda ali tenho uma que é do meu neto. Escrevíamos aí. Depois íamos mostrar à professora se as contas estavam bem. Ela mandava-nos passar para o caderno. Outras vezes, estávamos no quadro. Ensinavam-nos muita coisa. Os do quarto ano já estudavam História, já estudavam os rios. Estudavam muito. Mas eu nunca fiz isso. Então, à segunda classe tiraram-me.

"Na escola dos adultos, era mais fácil"

Fiz o exame da quarta classe nos adultos. Ia com a minha Lisete, a minha filha. Eu tinha que a levar todos os dias à noite para baixo, à escola e tinha que a levar para cima. Depois, também ficava por lá. Fiquei até que fiz o exame da quarta classe.



Dorinda Martins dos Santos na escola onde trabalhava, acompanhada do professor

Na escola dos adultos, era mais fácil que quando andei na escola. Era muito mais simples, porque era pequena. Ai, mas muito mais. A senhora, que até era dali de Côja, disse-me:

- "Pronto, tem que fazer uma conta e um problema. Nem que errem o problema, se acertarem a conta, passam na mesma."

Foi o que eu quis ouvir. Depois, fiz o exame. Foi em Arganil. De lá havia mais. Agora daqui, da professora que nos cá ensinou, fomos seis pessoas. Também foi fácil. Foi uma conta e depois lêramos a lição. Era o teste escrito. Davam-nos uma folha e a gente tinha que responder às perguntas que lá vinham. Mas ali escolhíamos a lição que queríamos. Eu levava-a bem estudada e levava as coisas que devia responder. Passei bem. E foi a minha sorte, porque senão, não tinha apanhado o emprego que apanhei.

Religião *A doutrina das senhoras Pombeiras*

Cheguei a ir à doutrina, mas não fiz a Comunhão, porque o meu pai não me deixou. Não era dessas coisas. No meu tempo, havia cá umas senhoras. Chamávamos as senhoras Pombeiras. Era a alcunha que lhe puseram. Uma era Maria José e outra era Maria Assunção. Eram assim muito religiosas. Uma foi professora, mas já não foi do meu tempo. E depois, já estavam assim velhotas, dedicaram-se. Ensinavam tudo, tudo. E ainda sei hoje muita doutrina daquelas que elas ensinavam.

Vínhamos para a igreja e ali é que elas ensinavam. Diziam o Acto de Contrição, diziam os Mandamentos da Lei de Deus, diziam os da Santa Igreja, as Obras de Misericórdia, e a gente tínhamos que fixar na cabeça. Não tínhamos livros, não tínhamos nada. Eu ia, porque andava a criar as minhas irmãs e tinha tempo para isso. Mas muitas pessoas já nem iam todos os dias. Era quando podiam.

Namoro "*Nunca estive sozinha com ele*"

Quando me fui embora da aldeia, eu já conhecia o meu marido. Éramos os dois daqui. Já namoriscava com ele, mas era assim quando cá vinha, que íamos para o baile e dançava com ele. Depois, ele foi para a tropa. Ainda foi a Aveiro. Mas a gente nem se escrevia. Então, era namoros como agora? Ele nem disse nada! A gente gostávamos um do outro, nem disse nada! Mas teve que pedir ao meu pai. O que ele disse, isso não sei. Não ouvi nada, nem vi nada! Mas o meu pai gostava dele. Era cá quem lhe fazia parte das coisitas. E ele também só ia lá a casa um bocado à noite, porque de dia andava no dia fora e à sexta-feira e ao sábado andava nas barbas. Era barbeiro. Então, só ia um bocadinho à noite.

Estava a minha mãe ao pé de mim. Nunca estive sozinha com ele, não! O namoro não era como agora. Agora é uma miséria. Oh!



Dorinda Martins dos Santos (à esq.) e José Francisco Marques (à dta.) no casamento da afilhada

Casamento "*Comer com muita abundância e à moda de cá*"

O dia do casamento foi um dia bonito. Dia 24 de Setembro, um dia de chuva. Eu morava lá para cima para o oiteiro e vim à igreja debaixo de dois chapéus, um dum lado, outro do outro. E, depois de almoço, o meu padrinho - era o padrinho dele de casamento - foi dar uma volta connosco. Ia ele e a minha madrinha e ia eu e o meu marido. Fôramos a Avô e de Avô viemos para Côja. Chegámos a Côja, parámos. Íamos para atravessar a ponte para o outro lado e o meu marido ia para me pôr um braço por cima. Eu tirei-lhe a mão! Já estava casada e não lhe deixei pôr a mão por cima. Não era como agora. Agora batem nos pratos, batem para se beijarem. Naquele tempo, não.

A festa foi boa. Houve muito comer, com muita abundância e à moda de cá. Não veio cá cozinheira nem nenhum restaurante servir. Era a sopa, muita carne assada no forno, aquelas frigideiras grandes de batatas assadas, salada, arroz de fressura e, às vezes, havia galinha de cabidela com as batatas fritas. E, depois, os doces. Arroz-doce, tigelada, tapioca e pão-de-ló. Era os nossos doces daqui.

Foi a modista que fez o meu vestido. E ainda fez o da minha neta! Casou agora o dia 20 de Setembro e foi ela que fez o vestido. Coitadita, está muito mal agora. Também disse:

- "É o último que faço."

E, coitadita, com certeza é. Nessa altura, eu já sabia costura, mas eu não o podia fazer... Diz que não é bom. Diziam, não sei.

Percurso profissional "*Era de sol a sol*"

Comecei a andar no dia fora aos 12 anos. Oh, foi uma vida de escravidão que eu apanhei. Andava a acartar materiais para as obras. Tinha de ajudar a ganhar alguma coisa. Naquela altura, havia muita terra para cavar, muito milho para sachar, muita azeitona para apanhar, muitas coisas. E a gente também íamos para o dia fora, para aquelas pessoas que tinham essas coisas. Tinha que se aproveitar. Essas pessoas tinham muito que fazer e pagavam. A gente andava meio dia, ganhava 7 e quinhentos. Mas era de sol a sol. Não era como agora às horas. Oh, oh! E ganhava igual aos outros, que eu também não ficava atrás delas! Podiam ir maiores mas eu, com os carregos, não ficava atrás. Eu fui sempre rija. Agora é que não. Agora é que estou de todo.

"Ainda cá fiz um vestido de casamento para os Pardieiros"

Tinha eu 15 anos quando fui para Aveiro. Estive lá dois anos e meio. Depois, vim fazer os 18 em Coimbra. Eu andava na costura, a aprender a costura, as minhas irmãs andavam as duas na escola e a minha mãe estava num armazém. Tinha uma frutaria em Aveiro. O meu pai andava com um carro a entregar as encomendas das bananas para fora.

Depois, vim para aqui. Fiz 18 em Coimbra a 31 de Maio e depois estive lá os dois anos e meio. Vim para cá o dia 1 de Agosto, mas já tinha 20 anos. Fiz os 20 anos em Maio e depois vim o dia 1 de Agosto. No dia 24 de Setembro casei-me e cá fiquei, também, na mesma vida.



**Dorinda Martins dos Santos (de preto) com
colegas do curso de costura (Aveiro, 1952)**

Nessa altura, havia lá uma modista mesmo pegadinha ao armazém das bananas. Eram lá conhecidos, que o meu pai já lá estava. Depois, como eu não tinha que fazer, ele meteu-me lá. Tirei o corte de costura. Primeiro, aprendia a fazer a costura nos acabamentos e nessas coisas todas, depois, tirei o corte. Só lá andava eu e uma rapariga.

Já eu estava em Coimbra quando comprei a minha máquina de costura. Portanto, já foi aí com 18 anos. E já era em segunda mão! Um primo meu, que eu tinha em Lisboa, tinha lá uma oficina de máquinas. Ele é que me mandou para Coimbra. Ainda aí está. Funcionou sempre bem. Comprei uma para a minha filha, que ela já faz pontos, mas eu amanho-me bem é com a minha. É com os pés, a pedal. Nunca teve motor. Já veio assim. Não enferruja nada. Também tenho um bocadinho de óleo para lhe pôr de vez em quando, para ela andar mais levezinha.

Depois, quando fui para a aldeia, ainda trabalhei muito. Não precisava cá de ninguém para me ensinar, que eu sabia bem. Fazia o que me mandavam. Todas as semanas, vinha para a minha prima, que ela tem ali uma lojita de fazendas, dois meios dias. Era desde as duas horas até à noite. Se fosse de manhã, era do luzeiro do buraco até ao meio-dia. Ela andava por fora e eu fazia aventais, ceroulas e cuecas para os homens, para ela andar por fora a vender. Aqui era só aquelas coisas. Mas fiz para aí muita costura. Blusas, saias, muita coisa. E ainda cá fiz um saia e casaco e um vestido de casamento para os Pardieiros. Tinha talvez 22, 23 anos. Trouxeram o figurino para eu fazer e eu fiz conforme lá vinha. Mas eu

por uma blusa levava 6 escudos! Então era bom negócio? Era agora! Não dava para nada. Mas, se não ganhasse nada, ainda menos era. Ainda se comprava 1 quilo de arroz e 1 quilo de açúcar. O meu marido era barbeiro. Mas ele ganhava dinheiro? Ele trabalhou foi para encher o patrão e o filho. Só levava era milho para casa. Eles tinham esta gente toda, estes fregueses todos, mas não pagavam. Hoje vão fazer um corte de cabelo e pagam. Naquela altura, não. "Justavam". Era um tanto por ano. E aqui, quando iam dar a volta no São Miguel, quase tudo tinha milho e pouca gente pagava a dinheiro. Não havia dinheiro, davam 1 ou 2 alqueires de milho. Quando pagavam a dinheiro, o patrão é que o arrecadava e eles, coitados, levavam era milho. Enchia uma arca cheia. Ao menos criava porcos e comíamos broa com fatura.

"A escola para limpar e o leitinho para arranjar"

Entrei para a escola em 1974. Era auxiliar de acção educativa na escola da Benfeita. Já tinha o exame da quarta classe talvez há três, quatro, cinco anos. Estive ali 21 anos. Meti os papéis talvez em 1973. Em 1974, recebi uma carta de Lisboa a dizer que, como foi o 25 de Abril, no prazo daquele ano não metiam ninguém, que aguardasse. Depois, em 1976, escreveram. Mandaram-me as coisas para eu ir para auxiliar. Então, meti aqui os papéis, fui para Coimbra e lá tratei de tudo. Tive que lá ir ao dispensário. Também tive que ser vacinada e trazia tudo em dia. Quando foi o dia 18 de Dezembro de 1976, fui a Arganil, lá à delegação escolar, tomar posse.

Na escola, tinha que tomar conta dos miúdos quando eles andavam no intervalo. E tinha a escola para limpar e o leitinho para lhes arranjar. Vinha ao padeiro buscar o pão para depois arranjar o pãozinho para eles comerem. Tinham fiambre, Tulicreme, mortadela, tinham assim estas coisitas para lhes eu arranjar. E eles comiam e bebiam. Depois estive na cantina. Estive lá também a fazer-lhes a sopinha e o comer alguns três anos.

Ainda lá levei porrada dum! Dum miúdo do Enxudro, é verdade. Ele era muito mau e depois batia em todos. Eu um dia meti-me ao meio. Disse:

- Não! Isto agora tem que acabar. Também não pode ser assim.

Depois, levei eu. Não disse nada ao senhor professor, mas os outros vieram-lhe dizer e ele castigou-o. Ainda lhe deu uma bofetada bem dada, que lhe ficaram os dedos marcados na cara. Nunca mais teve vontade de me bater. Mas os miúdos agora são piores. Naquela altura, havia assim um bocadinho de disciplina e eles tinham respeito aos professores. Agora é pior.

Depois acabou. Tive muita pena, muita pena de deixar a escola. Gostava muito dos miúdos. Ai, tive uma pena deles!

"Quem é que lá podia estar a aturá-los?"

Depois, é que me mudaram daqui para Côja. Tinha 62 anos quando me mandaram e ali era já no ciclo, com aqueles matulões grandes. Até parecia mal de lá andar. E eram muitos! Então não eram muito mais complicados? Depois, meteram-me na fila para a hora do almoço. Quem é que lá podia estar a aturá-los? Eles tiravam o lugar a uns, a outros. Aquilo era lá o fim do mundo! Disse:

- Não! Isto assim também vai a ser demais. Espera lá!

Ai, deram-me lá muita vida! Muita vida, porque elas, as que lá estavam, eram umas fidalgas. Coitadinho de quem vai, porque faz de contas que eu fui assentar praça. Deram-me lá um trabalho que eu, enquanto lá estive, fazia das tripas coração. Mas elas não me levaram a melhor. Eu, também, depois, lhes disse:

- Eu vim assentar praça, que é como os soldados. E então aquilo que vocês não quiseram fazer é que me deram para mim.

Mas enganaram-se que eu também só lá estive dois meses. Meti baixa. Depois de dois meses, requereram-me à junta médica. Quando fui à junta médica, estavam três médicos e o do meio disse-me assim:

- "Que idade tem a senhora?"

Isto foi o dia 15 de Abril.

- Olhe, faço agora o dia 31 de Maio 62 anos.

- "Ai, minha senhora, pode-se ir embora, pois já está reformada."

Pronto. Não pediram nada, que eu também lá não levava nada. Vim com a pré-reforma, mas já há dez anos que estou a tomar conta da minha vida e a fazer as minhas coisas. Já ganhei para isso.

Quotidiano *O dia-a-dia de uma antiga costureira*

Agora já não posso fazer nada. Eu já andava muito coxa, cheia de dores. O ano passado, em Janeiro, operaram-me ao fémur, à perna direita. Agora, já não posso fazer nada. Vou fazendo a minha vidita cá de casa e já não é pouco. Na costura, as minhas coisinhas, ainda faço. E quando compro, às vezes, qualquer coisa feita que não venha à minha vontade, ainda arranjo. Se alguma coisa precisa de arranjo, é que eu arranjo. Ou subo a bainha, ou subo as mangas... Já tenho desmanchado, às vezes, certas camisolas e casacos. Desloca-se o ombro para um lado e eu não posso andar com aquilo. Arranjo-as. Mas assim costurar para fora, não. Não, porque eu já nem as minhas posso arranjar. Estão a tremer as mãos.

Às vezes, tenho de chamar a minha filha para me enfiar a agulha da máquina. Eu vejo o buraco, mas a mão está a tremer e não enfió logo a linha.

Costumes "*Tempos bonitos que agora já não vêm...*"

"Havia o Rancho dos Manjericos"



Rancho dos Manjericos (Coimbra, 1944/1945)

Havia o Rancho dos Manjericos. Eu ainda lá andei, também. Havia cá um ensaiador - era o tio Adelino - e uma mulherzinha que nos ensaiavam. Ainda fomos a Coimbra. Havia muitas cantigas. Cantávamos todos. Mas já não me lembro. Nem a letra. A tia Dorinda - ela também ainda é do meu nome - essa é que sabia. Essa que é antiga. Sabe as cantigas todas. Isso era bom. Agora, morreu tudo.



Rancho dos Manjericos (1979)

"Íamos dar o abraço àquela gente toda!"

Antigamente, íamos à noite para ajudar a uns e a outros, às debulhas. Apanhava-se o milho de dia e depois dizíamos assim:

- "Ó tia fulana, olhe que eu amanhã debulho!"

Depois:

- "Olha que eu amanhã debulho!"

Era para se juntar tudo. Mas malhávamos. Tínhamos umas "rasoilas"². Abríamos as pernas, tínhamos o milho da parte de trás. Depois, malhávamo-lo assim à frente. Era uns paus assim como um pau da vassoura, o que é mais grosso e era só do tamanho que a gente apanhasse bem na mão. A gente a desfolhar tínhamos que nós arranjà-lo. Mas depois, para fazer as debulhas, era assim. Conforme o pessoal que andasse, uns eram de cantar, outros não havia tempo para cantar, era para trabalhar. Mas nas debulhas atirávamos cada "casulada" a uns e a outros. E depois, aparecia aquelas espigas de milho encarnado. Íamos dar o abraço àquela gente toda! Oh, tempos bonitos que agora já não vêm...

²rasoiras

Santos que fazem festa

Agora, é mais a festa em Agosto. Temos antes a do Santíssimo, que é em Junho, e a da Senhora das Necessidades, em Setembro. Essa de Junho é a da Comunhão das crianças. É para fazer a Profissão de Fé e a Primeira Comunhão. Depois, temos a de Agosto, que é o dia 15 de Agosto. É a da Nossa Senhora da Assunção, daquela capelinha que está ao meio da povoação. E temos a de Setembro, que é na Senhora das Necessidades. Já havia essas festas, antigamente. Era mais ou menos como agora, mas havia mais gente. Começava o dia com a alvorada de foguetes! Agora, já não há alvorada de foguetes, que não nos deixam deitar. Depois havia a missa e a procissão. Em qualquer delas há missa e procissão. Era o mesmo de agora: saía-se dali da igreja, ia-se dar a volta lá adiante ao tanque, à capela, por cima, por a estrada, depois dava-se a volta à oliveira e ia-se para igreja. Ainda é a mesma volta, agora. Alguns andores levavam as irmandades. Quando é a do Santíssimo, vem a nossa de cá, a Irmandade da Benfeita, é a dos Pardieiros e é a do Sardal. E na Senhora das Necessidades é a mesma coisa. Só aqui, no dia 15 de Agosto, que é a festa da Benfeita, é que não vem cá as outras. É só a Irmandade da Benfeita. Levam os homens da Irmandade e outros andores, pegam-lhe as mulheres. Quando é de Santa Rita, aquelas mulherzinhas todas que lá vivem gostam de a levar. E também gostam de outros santinhos. Vão outros homens, vão as mulheres, vai tudo levar. A nossa Irmandade tem uma opa branca e um cabeção vermelho por cima. Primeiro, era só homens, mas havia muitos. Agora, até entraram bastantes mulheres para levar os andores. Quem os costuma enfeitar é a Manuela, a mulher do Alfredo que tem o café.

É como a Páscoa. Agora, já não vem o padre. Vem uns homens quaisquer. Ainda se fossem os leigos... Mas é um homem qualquer que vem dar as boas-festas. Já não pode vir. Antigamente, era diferente! Ai pois era. O padre vinha sempre para a freguesia, para a terra. E se não podia, trazia também os leigos para um lado e pelo outro da freguesia.

No tempo dos despiques

Antigamente, havia sempre bailes. Eram bons. Havia aí o tio António Sapateiro, o tio Raúl e o tio Mil-Homens. Um tocava banjo, outro tocava guitarra e outro tocava a viola. Mas, quando vinha o homenzito dos Pardieiros, trazia uma concertinazita. Despovoava-se tudo para aí! O toque era diferente. Era o tio Elísio dos Pardieiros. Já morreu.

E houve cá muitos despiques, também. Era o baile do oiteiro e era o baile do fundo. Depois andavam despícados uns com os outros para ver aquele que mais gente tivesse e melhor fizesse... Uma vez, quando foi o despique do oiteiro, deu oito horas da manhã, andávamos nós lá em cima, na escola, a cantar «Já Rompe a Aurora sobre a Madrugada». Às oito da manhã! E depois, de Sábado de Gordo para Domingo de Gordo, íamos por aí. Havia muitos animais. Iam ordenhar as cabras e fazia-se muito café com leite. Uma fazia um bolo, outra fazia outro. Havia sempre muito que comer e muito café com leite! Depois, Quarta-Feira de Cinzas, para encerrar o Carnaval, cozíamos os grelos com o bacalhau. Era só nos anos dos despiques, porque nos outros anos, não. Depois, andávamos despícados a ver qual era o que fazia melhor. E havia outra quinta-feira que cantavam aquelas modas de roda. Aquilo eram Carnavais bonitos. Agora, não presta para nada.



Dorinda (à esq.) e marido, José Francisco Marques (à dta.) no desfile de Carnaval da escola da Benfeitá

O Dia dos Compadres

Na quinta-feira antes do Domingo de Magro era Dia dos Compadres. Então, faziam o nome das raparigas e o nome dos rapazes todos para um saquinho, tudo assim como as rifas. Estava, então, um miúdo e uma miúda. Um tirava um papelinho do saco. Lia:

- "Fulana de tal..."

E depois tiravam do outro:

- "Com fulano de tal."

E ficavam os compadres. Às vezes, não havia rapazes que chegassem. Punham já os homens casados, mas aqueles que estavam casados há menos tempo. Ainda chamo o meu compadre dessa altura. Ainda hoje o chamo compadre.

O Dia da Cobra

A gente aqui guarda o Dia da Cobra. Quer dizer, não guarda o Dia da Cobra. Só que não vamos nem ao mato, nem à lenha, nem trazer nada para casa. O resto, o trabalho, faz-se todo na mesma.

Tínhamos uns olivais - e ainda lá estão - na Deflores. Uma vez, nesse Dia das Cobras, no dia 1 de Maio, a minha mãe não queria ir ao mato. Mas o meu pai tinha lá o gado. Diziam:

- "Temos que ir!"

- "Ai não vou, não!"

- "Ai, porque temos que ir!"

E foram ao mato. Deixaram os molhos à porta do curral. Ao outro dia, quando a minha mãe lá chegou, teve que chamar uma vizinha para matar o rolo das cobras que lá estava debaixo. O meu pai viu, também nunca mais... Nem quis nem nunca mais mandou ir ao mato. Hoje, nesse dia, fazemos a vida normal e pomos umas giestas na porta. Diz que é para não entrar a fome em casa. Não sei, já ouvia isto de miúda e também faço.

"Ainda berra um bocado, mas morre"

Ainda em Fevereiro, matámos aqui dois porcos. Era da minha filha. Eu compro-os e ela trata. Antigamente, também os comprávamos. Ninguém nos dava, que remédio tínhamos nós! Tínhamos que os ir comprar ao mercado, a Côja. Trazíamo-los pequenos e nós é que os criávamos para depois matar. Eu nunca os tive de ano, mas aquelas pessoas que os tinham de ano a ano, ai! Eram enormes! Mas eu nunca os tinha de ano. Às vezes, até ainda vendia um e comprava outro. Eu tinha muito milho. Tinha um moinho lá para cima, para o Espinho. Lá ia com a saca do milho, depois trazia o sacco da farinha e, então, cozia-lhe as abóboras, os nabos e as batatas. E, outras vezes, comiam também as couves cruas e aquilo que calhava.

Para o matar, para fazer as chouriças, é no Natal em diante. O meu pai também os matava. Era matador. Não matava para toda a gente, não, porque havia cá muitas pessoas que os matavam. Mas ainda matava para algumas. Eu

nunca gostei de ver. Matava uma galinha, matava um coelho e não sou capaz de ver espetar a faca num porco. Não gosto de ver aquela faca tão grande. E um pombo também não era capaz de matar. Vi uma vez uma pessoa a apertar-lhe o bico e a andar com ele assim de roda. Nem os matava nem nunca mais me entraram cá na minha barriga. Mas o porco é assim: põem-no em cima dum banco e seguram-no, uns, da frente, outros, de trás. O "matanço" está e espeta-lhe a faca! Ainda berra um bocado, mas morre.

Enchidos de várias qualidades

Depois de se matar o porco, apanha-se o sangue, um bocadinho que se deixa coalhar, que se coze. Apanha-se o outro bocadinho e mete-se-lhe assim a mão bem lavadinha - metendo a mão já não coalha - que é para depois fazer o enchido. Primeiro, a gente mexia. Estava ali uma hora, outras vezes mais, com um colher de pau, a mexer até ele arrefecer para não coalhar. Agora, dá-se-lhe duas voltas com a mão que já não coalha.

Depois, fazemos enchido. Há de várias qualidades. O de arroz, põe-se um bocadinho de arroz e os temperos. Põe-lhe a gente um bocadinho de colorau, cravinho, cominhos, um bocadinho de pimenta, os alhos e muita salsa. Leva, então, aquele bocadinho de sangue. Mas esse, é só feito com febrinhas. Foi sempre assim. Temos as de sangue, que é as que levam o sangue, as gorduras e um bocadinho de farinha. Depois, temos as de carne, que são só temperadinhas com alho, um bocadinho de colorau e o sal. Depois, temos as de polme. No dia que a gente coze aqueles ossos todos da cabeça e os ossos do espinhaço do porco, tiramos aquelas febrinhas todas e comemos com grelos. Tem aquela água com as gorduras e aquilo é bem cozidinho com muitos dentes de alho e é com um bocadinho de farinha que se faz aquele enchido. Fazíamos também os "morcelos" que não levavam arroz. Esses é que também eram bons. É do tempero de bucho. Depois punha-se o arroz para fazer o bucho e os chouricitos.

Também se fez o lombo e as costelas. Ainda no outro dia, a minha filha fez um pastelão daquele lombo para se comer. E a outra está na tina salgadinha. Antigamente, a carne do porco estava na tina salgada e dali é que comíamos. Estão lá os presuntos e as pás. Depois, come-se no Verão. As pás, é para o tempo das favas, para se fazer as favas e os presuntos é para se comer no Verão. Um bocadinho daquela febra com um bocado de broa sabe bem!

Os chouriços não iam para a tina. A gente púnhamo-los no azeite. Havia muito. Agora, aquelas de carne e até as morcelas de sangue, também, ainda se põem. Ia tudo para o azeitinho que não se estragava nada.

Lugar "A minha terra de nascença"

A Benfeitá foi a minha terra de nascença. É da terra que eu gosto também. Eu vou um dia a Arganil e estou farta de lá estar. E é só meio dia! Não ando lá o dia inteiro. Eu era solteira e estava em Aveiro ou Coimbra ao pé dos meus pais. Tinha que estar mesmo. Mas gosto é daqui. Podia ter ficado em Aveiro e podia estar melhor do que estou. Mas, pronto, não calhou... Eu sei lá se a aldeia é bem feita, se ela é mal feita. Quando nasci, já cá estava. E sei que as pessoas da Benfeitá são "Balseiros". É como os "Bezerros" de Côja e os "Pintassilgos" de Arganil do livro do doutor Mário.



Dorinda (3ª esq. p/ dta.), acompanhada da irmã, marido, prima, cunhado (esq. p/ dta. fila de cima), sobrinha, filha e sobrinha (esq. p/ dta. fila de baixo)

No tempo dos cântaros e dos candeeiros

Antigamente, para ter água em casa, íamos com o cântaro à fonte buscá-la. Havia uma fonte na praça, havia outra adiante, na capela, e havia uma fonte no fundo que era a da Ribeira. Outras vezes, havia lá em cima uma mina que chamávamos a Mina da Sardinheira. Só lá íamos à noite, porque a dona precisava da água para regar e se desse por ela... Só à noite é que lá íamos com o cântaro, que ela era muito má. Quando ela estava já para casa, é que a gente lá ia buscar

um cantarito. Enchíamos-lo dentro da mina e bebíamos. Outras vezes, íamos para a Ribeira de Cima também.

Não tínhamos luz em casa, mas tínhamos os candeeiros. Era o candeeiro de petróleo. Tenho um muito arranjadinho em cima do móvel da sala e tenho ali o gásómetro de carbureto. Aquilo tem o depósito por baixo que lhe punha o carbureto e o de cima estava cheio de água. Depois, conforme a água ia pingando para baixo, tinha aquele bico e a gente acendia. Dava uma luz que era uma beleza! Passei noites inteiras a regar com ele lá para cima, na fazenda, ao Espinho. Isto era tudo cultivado. Depois, a gente precisava da água. Um ia cedo, tirava por cima. Outro ia cedo, tirava. E depois a gente cá por baixo, se não andasse toda a noite, não regava. Passei lá muitas noites.

"Padecíamos até à última"

Antigamente, não havia médico, não havia nada. Quando precisávamos, íamos a Côja ao doutor Adolfo e ao doutor Baptista. Mas, na Benfeita, havia o tio Zé Augusto e o tio Zé Maria. O tio Zé Maria tinha a barbearia. Acho que esteve na tropa, que foi enfermeiro. Esse, se uma pessoa partisse um pé ou uma perna, é que tratava. Nunca ninguém que ele arranjasse ficou aleijado. E o tio Zé Augusto era para os curativos, que era mais limpo que o outro. Quer dizer, a fazer um curativo era asseado e o Zé Maria, não. Curativo que ele fizesse tinha desinfetantes.

Uma vez, eu ia a subir por uma latada a cima, por uma parreira, e cá em baixo. O tio Zé Augusto estava-me a pôr daqueles agrafos que seguram. Iam quentes de ele os estar a aquecer num fogareirozito, num candeeiro, e aquilo apertava. Espera lá! Dei-lhe um encontrão que lhe arrebentei com tudo! Ainda tenho aqui a cicatriz.

Ele tinha sempre uns comprimidos, uma coisita assim qualquer. Mas fazíamos também os nossos chás. Ainda fiz, às vezes, um chá de nardo. É umas cabecinhas de nardo que cheiram muito bem. Era para as gripes. Havia o chá da marcela. Eu tomei bastante para me abrir o apetite de comer. Fazíamos chá com flor de sabugueiro, com pimpinela, erva-terrestre... Fazíamos aqueles chás com aquelas as ervas todas. A gente misturava tudo.

Nessa altura, nascíamos em casa. E as minhas filhas, também as tive em casa. Tínhamos cá uma curiosa. Nem era enfermeira, era uma parteira qualquer, vá, mas que auxiliava bastante. Era Gracinda. Padecíamos até à última, até chegar a hora de cá vir para fora. Oh, Mãe do Céu! Eu tive bastante tempo, mas não tive complicação nenhuma.

1620 badaladas no dia 7 de Maio

Lá em cima há uma torre que é a Santa Rita. Tem um relógio e o Toino Mina é que lhe dava corda. Agora não sei quem é que lhe lá dá corda. Mas não é preciso porem-no a trabalhar para aquele dia, que é o 7 de Maio. Basta darem-lhe a corda. Às três horas da tarde, começa a dar aquelas badaladas. 1620 badaladas! Não sei se foi o tempo que durou a guerra, se quê. Mas acho que sim, que tem esse significado. Em 1945 mais ou menos foi o ano que acabou a guerra. Cá, houve uma festa muito grande e veio aquele relógio. O tio Franco Nunes, um que estava na América, comprou-o para assinalar o dia que acabou a guerra. Nunca falhou! Desde que tenha a corda não é preciso arranjam-lhe lá nada por dentro. Ele chega àquele dia, às três horas da tarde, começa a bater as badaladas.

"Devoravam tudo que apanhavam à frente"

Já soube muita coisa, mas a cabeça já não está boa e já está sem memória. Mas antigamente falava-se no lobisomem. Eu é que sei o que era? Nunca vi. Ainda bem que nunca vi, porque diziam que aquilo era mau. A minha mãe contava que lá para cima, para o oiteiro, havia um homenzinho que, de vez em quando, dava-lhe isso. Depois disseram para a mulher:

- "Olha, quando ele for pôr-se na varanda e quando ele for a passar, pegas na aguilhada dos bois e espeta-lo."

E aquilo passou-lhe. Diz que se deitavam na bosta dum porco ou dum animal qualquer e que aquilo vinha feito naquele animal por aquelas ruas abaixo. Que devoravam tudo que apanhavam à frente. Diziam. Eu nunca vi. Mas diz que aquilo metia medo.

Avaliação "*Ainda lhes acham piada*"

Não sei histórias. Sei estas coisitas, vá. Mas acho bom que os mais novos também as saibam. Acho bom, esta gente nova agora não querem saber nada destas coisitas e um dia, se as ouvirem, também ainda lhe acham piada.